



O 19 de Abril de 1976 a comissão do Presidente Tomás Chagas e o Povo de Coimbra para a reintegração de 2000 professores de Coimbra. A comissão, na presença de um dos filhos de Marcelo Brodsky, 1976, mobiliza o Povo e estudantes em passeios com cartazes de protesto frente ao edifício das ciências de Coimbra. Foto de Fernando Marques, Paulo A. Costa e João Paulo Sousa Pires. Lisboa, Portugal. Universidade de Coimbra.

Exposição temporária

Piso -1

Marcelo Brodsky

1968: O Fogo das Ideias

20/09 — 06/01/2019

REIVINDICANDO MEMÓRIAS

Inês Valle, curadora da exposição, 2018

Que são as revoluções senão um *fogo de ideias* que ferve no nosso interior e nos faz sonhar com vidas melhores num mundo mais justo?

Marcelo Brodsky é um revolucionário e ativista de direitos humanos. Acima de tudo, é um homem que recorre às artes visuais para criar consciência sobre o nosso mundo. De forma muito crítica e ciente, investiga imagens, palavras e documentos sobre as memórias específicas que moldaram a nossa história coletiva e que também impactaram tremendamente a sua vida e a sua família. Na primeira linha, há a ditadura militar argentina (1976–1984) e o efeito desta na sua vida — ou, melhor ainda, na sua geração. Foi um regime dominado pelo terror, por um estado que sistematicamente executava cidadãos e que fez «desaparecer» pelo menos 30 000 pessoas, incluindo o irmão mais velho, Fernando, e o melhor amigo, Martin Bercovich, de Brodsky. Felizmente, o artista conseguiu fugir para Barcelona, onde viveu em exílio até 1984. Durante este período, Brodsky aprendeu a arte da fotografia e compreendeu o poder desta na abordagem e no tratamento dos problemas sociais, concentrando-se nas provações psicológicas sofridas pelos migrantes. O resultado do seu percurso neste campo é uma obra marcada pela memória coletiva — ainda uma forte premissa na sua prática artística atual.

Numa tentativa de compreender a sua própria identidade, Brodsky, aos 40 anos de idade, regressa à Argentina e leva a cabo uma investigação sistemática sobre os seus próprios arquivos fotográficos. Foi uma fotografia de 1967 dos seus colegas de turma que desencadeou a curiosidade profunda de conhecer o paradeiro de cada um. Os encontros que teve com eles em busca da verdade originaram aquela que é agora a sua obra mais famosa: *Buena Memoria* (1996). No projeto, a fotografia «Class Photo, 1967» é drasticamente ampliada e indica meticulosamente o destino manuscrito de cada um dos indivíduos — assassinados, desaparecidos, exilados, traumatizados durante a Guerra Suja. «Puente de la Memoria» enforma outro aspeto deste comovente projeto. Trata-se de um vídeo que capta um dos momentos mais emotivos desta reunião, desta celebração e deste reconhecimento no Colegio Nacional de Buenos Aires. Esta foi a primeira cerimónia organizada pela escola, recordando (vinte anos depois) os 98 estudantes mortos pelo regime tirânico. No vídeo «Puente de la Memoria», o artista conecta as representações faciais dos seus colegas às imagens captadas durante a cerimónia, juntamente com as vozes que vão revelando os nomes das vítimas. Sendo *Buena Memoria*

constituído por álbuns de família, vídeos e registos íntimos e literários, pode ser compreendido como um memorial coletivo tanto para as vítimas mortais como para aquelas que estão ainda vivas, tendo sobrevivido ao período mais atroz da história da Argentina. (Quanto a Brodsky, não obstante após grande demora, devido a um sistema judicial letárgico, a memória trouxe-lhe justiça somente quando do pronunciamento da sentença aos responsáveis pela morte de Fernando, em 2017.)

No projeto artístico *1968: O Fogo das Ideias* (2014–2018), que dá o nome a esta exposição, Brodsky propõe uma revisão histórica das ideias dos finais dos anos '60, ainda tão pertinentes nos nossos tempos. O projeto torna-se agora um ensaio fotográfico de 50 imagens de arquivo em torno dos protestos sociopolíticos de estudantes e trabalhadores daquele período em todo o mundo. Estas fotografias monocromáticas, com meticulosas intervenções coloridas manuscritas, chamam a nossa atenção para os detalhes da força, da energia e da ação — proporcionando também uma recontextualização visual que nos permite um entendimento mais profundo do passado e do impacto destas lutas na nossa sociedade.

1968 foi um período do pós-guerra no qual o povo, fervorosamente consciente, lutou pelos seus direitos e por novos ideais. Nas ruas ecoaram as vozes sófregas por mudança. Das manifestações mais violentas às mais pacíficas, Brodsky leva-nos a diversos territórios: Argentina, Brasil, Colômbia, Reino Unido, México, EUA, Uruguai, Moçambique, Portugal, França, Austrália, Senegal e até a antiga Checoslováquia — onde os punhos erguidos exigiram o fim da opressão e dos regimes despóticos e promoveram igualmente os direitos humanos, sociais e políticos. No contexto das manifestações supramencionadas, o ensaio em questão junta ainda uma instalação sonora com discursos de Agustín Tosco, Che Guevara, Daniel Cohn-Bendit, Herbert Marcuse, Martin Luther King e Rudi Dutschke, que alimentaram as mentes de muitos dos protestantes.

Talvez 1968 seja mais conhecido na Europa pelo turbilhão do Maio Francês, durante o qual ocorreram manifestações, greves e ocupações por todo o país. Também se fez a crónica da difusão para outras cidades europeias, apesar de se negligenciarem as semelhanças com os contextos não ocidentais. Um bom exemplo é o da ligação entre França e o Senegal, através do forte elo legal dos Tratados de Cooperação. O Senegal, a título de exemplo, era conhecido pela sua «sociedade integrada»: muitos estudantes africanos haviam entrado em universidades francesas, e do mesmo modo os estudantes franceses frequentavam a Universidade de Dakar. Como tal, inevitavelmente, partilhavam-se novas ideias e novos pensamentos.

A 27 de maio, a associação de estudantes da universidade senegalesa, ansiando a conquista de autonomia perante o sistema neocolonialista, incita o boicote aos exames universitários enquanto rebelião contra França. A força da obra de Dakar (1968) — que nos mostra uma rua coberta por milhares de sapatos — faz-nos ponderar o número de envolvidos, para não mencionar a violência absoluta que agitava a cidade.

A presente série de Marcelo Brodsky conta também com novas intervenções em fotografias de Portugal e das antigas colônias africanas do país. Nestas, refletem-se a postura dos estudantes sob o regime despótico de Salazar, o efeito dos protestos daqueles e as consequências da independência alcançada pelos países africanos. No contexto português, curiosa é a estratégia à qual os estudantes recorreram para alcançar um maior número de pessoas: a Taça Nacional de futebol serviu como meio de propaganda na expressão do descontentamento daqueles em relação ao sistema vigente. Acompanhando a poderosa imagética de Brodsky, encontramos o documentário *Futebol de Causas*, de Ricardo Martins, que revela minuciosamente este marco na história portuguesa — algo obviamente omitido das edições diárias do jornal da capital (*Diário de Lisboa*) neste período.

O ano de 1968 pode ter agitado «o mundo», mas demorou algum tempo até alcançar a costa da Austrália, já que a disposição passiva dos australianos perante os novos ideais, as revoluções e as plithagens interterritoriais se mantinha inalterada: «Problemas dos outros, não nossos!» Assim, o espírito revolucionário deste país acorda somente nos anos '70, quase no final da Guerra do Vietname. Após um período de perda e luto, tornou-se mais do que necessário fazer renascer a nação, já que se promovia um novo sentido de identidade multicultural. A fotografia de Marcelo Brodsky «Sydney, 1972» pulsa com um penetrante sentido nacionalista. Os elementos ali contidos tornam aparentes os números do apoio à causa. Na primeira linha, surge uma bandeira australiana indígena, seguida de pósteres com mensagens em defesa da igualdade étnica e do direito ao território autônomo. Mais significativo: Brodsky realça «*freelands*» («terra livre»), em representação do novo sonho australiano — um ideal que ressoava então, um ideal que ainda hoje ressoa.

Também as vozes de outros artistas estão bastante presentes em 1968: *O Fogo das Ideias*. Este ensaio inclui o período no qual os estudantes brasileiros protestaram contra a censura, e conta até com a intervenção do artista belga Marcel Broodthaers, que assume um papel crucial no protesto cultural e na ocupação do Centro de Belas-Artes de Bruxelas (BOZAR).

As fotografias no Brasil representam os eventos mais importantes contra o despótico regime militar — tal como na Argentina, houve pessoas presas, torturadas, violadas e assassinadas. A violência contra as mulheres era sistemática, com ênfase nas grávidas (incluindo choques elétricos nos órgãos genitais), resultando em numerosos abortos. Numa destas icônicas fotografias, o artista capta em cores brilhantes cinco atrizes na primeira linha de um protesto — cinco ídolos femininos da época em luta pelos direitos das mulheres. Brodsky recorre ao estilo monocromático noutras fotografias, atribuindo cor às mensagens de militância pela democracia e pela cultura, expostas em largas faixas. Ainda hoje em dia existe censura cultural no Brasil, mencionando a título de exemplo o recente encerramento da exposição *Queermuseu — Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, cujo curador, Gaudêncio Fidéls, ainda está em tribunal por alegações difamatórias.

No caso de Bruxelas, artistas e militantes assumiram o controlo do BOZAR enquanto forma de protesto contra as políticas culturais belgas. Marcel Broodthaers foi o mediador de dois pedidos: um maior nível de educação artística e um novo museu de arte moderna. As revoltas consequentes serviram de lema a Brodsky, que selecionou três imagens. Destas, duas captam momentos dentro do BOZAR: uma das quais mostra Broodthaers a falar enquanto Paul Willems, diretor do Centro de Belas-Artes, o ouve atentamente a um canto da imagem; a terceira capta uma marcha antinuclear organizada pelo grupo Total no exterior do BOZAR em 1967 — uma performance artística participativa na qual a bandeira transparente de Jacques Charlier se ergue entre os protestantes. Neste ritual, os participantes, de lábios fechados com pensos rápidos, distribuem panfletos transparentes pelos espetadores.

Também durante os tumultos de 1968, Marcel Broodthaers concebeu o *Musée d'Art Moderne, Département des Aigles*. Posteriormente, na manifestação do BOZAR, renunciou à sua identificação como artista e designou-se diretor do seu próprio museu. Sem dúvida, este seria um projeto vital no debate sobre o papel da arte e a função do museu na sociedade.

Brodsky e Broodthaers partilham o âmbito da poesia e do uso da palavra enquanto linguagem visual. Igualmente, ambos são peritos na habilidade de promover dialéticas que questionem narrativas hegemônicas. Para a exposição em Lisboa, a correspondência entre Broodthaers (coleção do MACBA) e Brodsky traz-nos uma nova série de obras de arte fundadas numa metodologia de diálogo visual e compromisso. Por exemplo, em *Project pour une conversation* (2018), interagindo performativamente com o filme *La Pluie (Projet pour un texte)* (1969), assinado por Broodthaers, Brodsky posiciona-se simultaneamente

como observador e intermediário entre a ação e a audiência do filme. Assim, cria uma espécie de camada de interpretação multidimensional para ambas as linguagens que interage com o «observador final». Mais: Brodsky promove um novo diálogo sobre o poder da linguagem ao usar da fotografia para fragmentar o filme original, ao salientar a dicotomia entre a imagem em movimento e o silêncio criado entre cada imagem estática. No filme, a água apaga implacavelmente qualquer palavra escrita por Broodthaers; e este, ainda assim, continua a escrever. Assim, Brodsky relembra-nos de que qualquer palavra — qualquer ação — tem poder e significado e que devemos perseguir as nossas convicções. É um diálogo forte, evidenciando o papel do artista no âmbito da crítica social e refletindo sobre a sua contribuição para uma «revisão» do nosso entendimento sobre o espaço da arte — bem como do impacto desta na sociedade.

Ademais, *Acción Visual*, uma série de curtas-metragens, visa incorporar a cultura visual em diferentes campanhas pelos direitos humanos. «Ley Mordaza» e «Snowden», produzidos inicialmente para a televisão nacional argentina (embora esta nunca os tenha transmitido), são caracterizados pela apropriação de vídeos da internet. Tal assemblagem estética dinamiza uma crítica política por meio de mensagens visuais que interrogam e alertam para assuntos prejudiciais para a liberdade do povo. Vista como obra sob a categoria da arte politizada, *Acción Visual* decerto anui à noção de «arte útil», cunhada por Tania Bruguera — não apenas na exigência de responsabilização ética

mas também na sua jornada a fim da consciencialização e ação social.

O trabalho de Brodsky consiste nas imagens poderosas e agressivas de uma força tumultuosa que desafiam o observador a participar na luta. Como tal, somos confrontados com uma série de questões e reinterpretações; estimulantes paralelos nos nossos dias; o espaço público; as nossas histórias; a nossa relação com a memória; o nosso «vizinho». Ainda assim, aquele instiga também o debate sobre o papel, a contribuição e a indispensabilidade das artes para a criação de espaços de liberdade. No 50.º aniversário de 1968, enquanto celebramos a reavivificação destas ideias revolucionárias, apercebemo-nos de que ainda vivemos em tempos violentos: Brexit, Donald Trump, xenofobia, ginofobia, massacres etc. O trabalho de artistas como Marcelo Brodsky pode fazer a diferença — provando que o mundo não ficará melhor se o deixarmos estar.

Capa:

Marcelo Brodsky
Coimbra, 1969, 2018

Da série 1968: O Fogo das Ideias

Imagem original: © Fernando Marques, Varela Pé Curto e Carlos Ramos; Secção Fotográfica, Biblioteca Geral, Universidade de Coimbra

Serviço Educativo

Visitas orientadas e atividades para escolas e famílias

Marcações e mais informações
T. 213 612 800

servico.educativo@museuberardo.pt
www.museuberardo.pt/educacao

Atividades com entrada livre

Visita orientada à exposição pelo artista:

22 set. pelas 16h00

Visita temática «Maio, maduro maio...»:

20 out. e 24 nov. pelas 16h00



1968: The Fire of Ideas,

Marcelo Brodsky

Inclui um encarte com ensaios escritos para a exposição e nove postais de obras apresentadas no Museu Coleção Berardo.

Capa dura; 243 x 320 mm;
64 pp.; 40 imagens, ed. RM Verlag.
À venda na loja do Museu: 43,00 €

Partilhe a sua visita

@museuberardo

#museuberardo

📍 Museu Coleção Berardo

Siga-nos



/museuberardo



Museu Coleção Berardo
Arte Moderna e Contemporânea



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

Mecenas:



Tintas Robbialac^{SA}

Apoio à
exposição:



BACALHÃ
WINES OF PORTUGAL